

Um não rotundo ao Brasil defunto

Cândido Mendes *

Na despedida da TV Eleitoral, Affonso Camargo reclamava de uma campanha que não saciara o "banquete de civismo" nem nos fizera mergulhar num "oceano de idéias", num fim de festa a que não faltou a convocação do além, pela mensagem psicografada de Chico Xavier em favor de Ronaldo Caiado. Recompunhamo-nos neste fim de semana, de qualquer forma, da galhofa internacional que nos levava a merecer três linhas em negrito na primeira página do *New York Times* da última sexta-feira: Brasil impede candidatura de "animador de circo". E isto numa página carregada de história, aberta sobre a derrocada do muro de Berlim; sob os riscos de uma nova Super-Alemanha unificada e seu impacto sobre o Mercado Comum Europeu; sobre o que Bush dirá — ou melhor, não dirá — a Gorbachev nas águas de Malta.

No debate final da maratona política, entrada pela madrugada, desdobrava-se ainda a teia de duas estratégias de undécima hora. A de Paulo Maluf querendo converter-se no ectoplasma eleitoral de Silvio Santos, num dos espetáculos mais confrangedores de bajulação ao vivo, denunciado pela totalidade dos demais presidenciáveis. Contrapunha-se-lhe o combate de Leonel Brizola contra a "pretensão de Lula" de contestar fosse o caudilho dos pampas o ungido para as somas do voto útil, e o ganho do segundo lugar no primeiro turno. Cruzada contra os "filhotes da ditadura" — só punha mais a nu — como salientou o PT — o quanto do outro lado ficavam os "netos do Estado Novo". Forçava-se assim o debate entre o que seja o "bom" ou "mau" governo autoritário; entre Getúlio e Getúlio; entre a atração do carisma do velho populismo e a força popular anônima e organizada do novo proletariado brasileiro.

O último tango no vídeo arrastou-se por entre caneladas, no mano-a-mano e no corpo-a-corpo das agressões e dos revides, aos pares. Vã a ânsia de falar-se em programas para o que se preparara o próprio Brizola, como mostram os jornais de domingo, juntando sob uma banca de necrotério as entrañas, os miolos e as carnes soltas recolhidos pelos cirurgiões-redatores, pelas frases e interjeições pronunciadas pelo candidato ao longo da campanha. Costurava-se o cadáver de plataforma para o velório e o apagar das luzes da campanha. Na verdade, fechou-se o pano sobre o rasgar de horizonte de um Brasil faminto de futuro, mas sobre a cobrança das coerências biográficas, com as fichas de infração eleitoral, num tom crescente de moralismo, desligado na moção mesmo de uma nova vontade política em emergência no país. Regredia-se claramente sobre os debates anteriores. O último encontro da Bandeirantes avançou sobre a tropelia geral do colequinho dos presidenciáveis em 16 de outubro, regido pela palmatória de Marília Gabriela, mais a fera cortês do que a bela de *Cara a Cara*: a mãe-professora, monumental, desforra do nosso feminismo diante dos sete anões indisciplinados. Mas até onde, na verdade, a discussão dos superpretendentes diferia das candidaturas nanicas, do Zen-Brega de Celso, Brandt até os 15 segundos da catarse nacional, em que explodia diariamente a formidanda cólera de Enéas? O perigo do *Gran Circo* montado no começo de novembro permitiu o vergaste da boa indignação nacional. Todo o Brasil fez-se um na ira santa do barbado do Prona. E é nesta emoção que soube, no debate da semana passada, verter a lágrima certa Leonel Bri-

zola. Ou perder Mário Covas o sentido da vigência histórica vendo o problema moral mas não o político e subtraindo-se à tomada necessária e exigente de posição, na borra e no instante do acontecer.

Nas últimas 48 horas de jejum e de vigília pré-eleitoral vieram ao fundo do nosso inconsciente as imagens que ficam na liberdade extraordinária desses 82 milhões de brasileiros diante das urnas. Nada como o último semblante da telinha para mostrar o tamanho interno dos homens, a monumentalidade do minúsculo no dizer a que veio Ronaldo Caiado, a desmoralizar a verdadeira cultura sertaneja nos trejeitos de capiau sabido, no catecismo triturado da sandice reacionária, dedo em riste, jubilado, de tira do pensamento. Que se lhe oponha, no jeito e na mesura boa, a perestroika de Roberto Freire estourando os botões da camisa nas amenidades dialéticas do novo socialismo. Eis-nos diante do discurso de esquerda empoado para as vanguardas, arriscando-se a levar ao mandarinato a fala mais brilhante de mudança do Brasil. Fique-nos ainda, desmoronado, o amuleto mímico, de Guilherme Afif, pedindo a Lula que autenticasse na Constituinte um gesto, pelo menos, a favor da classe trabalhadora, do empresário mini muy amigo. Mas permaneça, sobretudo, ainda na madrugada do 17 de outubro, o cantar, por três vezes do galo, gritando o esvaziamento da proposta política de Leonel Brizola, a deixar nas vascas do gozo o nosso melhor fisiologismo. Perde-se a reforma agrária na mentirinha da colonização. A transferência de estrutura da propriedade vira o bingo da promessa do pe-de-terra, para cada brasileiro acenado pela fada pedetista. Toda a redistribuição seria de renda se condiciona pela proposta assistencialista, em clara obsolescência com o que proclama a socialdemocracia internacional. Leonel Brizola levantou o inconsciente coletivo do país desde o fervor cívico-histórico com que acompanhamos a cadeia da legalidade; prosseguiu na escuta siderada do retorno; prometeu o novo na governança do Rio de Janeiro. O país de hoje, pela angústia de uma decepção, interpela um discurso que não muda, que não responde, no seu colóquio-espantalho. Traz-nos, cada vez mais, o sebastianismo populista amarrado à cavallhada dos pampas. Na opção do segundo turno arriscamo-nos a ter que optar entre Collor e uma esquerda dividida entre a mudança embalsamada e a força do que quer o povo, de após as "diretas-já". Esta nova e dura consciência nasce de silêncios machucados da marginalização coletiva e não de sua coreografia na Brizolândia. Forra-se no silêncio e numa impaciência lacerados nas comunidades de base na sensibilidade de uma Igreja, na opção pelo outro Brasil. Reflete-se o PT na sua lava grossa, dura na sua ortodoxia, prematura no seu *dictats*, como na esperança que começa a forjar. Os jogos perversos da nossa volta à liberdade confundem na generosidade do voto, alternativa e pseudo-alternativa, Brizola, tótem desta caminhada e hoje, também, tabu para o desenlace de um Brasil voltado para o futuro. Na opção por Lula têm-se, explicitas, as propostas. Sabe-se, nitidamente, o limite das diferenças e o universo dos conflitos a enfrentar. De qualquer forma articula-se a dorsal de um projeto brasileiro, escapado da ameaça do circo, em última *matinée*, e da mortalha populista. Um confronto Collor-Lula arquiva o Brasil perempto. E diz um não rotundo ao país defunto, na pompa de seus cartolas ou de seus duendes.

* Professor, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, secretário-geral da Comissão Brasileira Justiça e Paz, presidente do Conselho Internacional de Ciências Sociais, Unesco